



Formas de Tratamento Otimizado e Humanizado em Crianças com Transtorno do Espectro Autista e o Desafio no atendimento Odontológico

Márcia do Socorro dos Santos Batista Mendonça¹

Resumo. O atendimento odontológico em crianças com transtorno do espectro autista (TEA) se destaca pela necessidade de ações capazes de oferecer um tratamento otimizado e humanizado. O presente estudo fornece diretrizes e orientações aos profissionais de odontologia, visando aprimorar a qualidade do atendimento oferecido e promover o bem-estar das crianças com TEA, com a aplicação de técnicas comportamentais pelo profissional dentista apropriadas a auxiliar na prestação do serviço e que evite situações que possam incidir danos físicos e psicológicos aos pacientes ou familiares. A experiência mostra que muitas crianças com TEA enfrentam dificuldades em receber atendimento odontológico adequado tanto por sua sensibilidade quanto pela dificuldade de comunicação, sendo um problema que ocorre em consultórios particulares e nos serviços de saúde pública. Diante disso, o objetivo deste estudo é apresentar as formas de tratamento que visem otimizar e humanizar o atendimento odontológico e descrever as técnicas utilizadas direcionadas para pacientes autistas. Os resultados encontrados evidenciam a importância de um tratamento que considere as necessidades específicas das crianças com esse perfil, que inclui o uso de estratégias de comunicação alternativa, empregando imagens e pictogramas, adaptação do ambiente odontológico de forma a torná-lo mais acolhedor, treinamento dos profissionais dentistas para receber esse público e familiarização prévia do paciente para que uma relação de confiança seja estabelecida e proporcionar um tratamento efetivo. Em conclusão, trata-se de um tema relevante para uma sociedade cada vez mais inclusiva, que visa garantir acesso igualitário ao atendimento odontológico para todas as crianças, que independe de suas habilidades de comunicação e sensibilidades.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Autism. Tratamento Odontológico. Odontologia. Manejo Odontológico.

DOI:10.21472/bjbs.v11n25-012

Submitted on:
10/07/2024

Accepted on:
10/08/2024

Published on:
10/24/2024

 Open Access
Full Text Article



Optimized and Humanized Treatment Approaches for Children with Autism Spectrum Disorder and the Challenges in Dental Care

Abstract. Dental care for children with autism spectrum disorder (ASD) stands out due to the need for actions that provide optimized and humane treatment. This study offers guidelines and recommendations for dental professionals aimed at improving the quality of care provided and promoting the well-being of children with ASD, incorporating behavioral techniques appropriate for dentists to help in service delivery and to avoid situations that may cause physical or psychological harm to patients or their families. Experience shows that many children with ASD face challenges in receiving adequate dental care due to their sensitivity and communication difficulties, a problem that occurs in both private

¹ Centro Universitário da Amazônia (UNAMA), Santarém, Pará, Brasil. E-mail: marcia_batista_mendonca@hotmail.com

practices and public health services. Therefore, the objective of this study is to present treatment approaches that aim to optimize and humanize dental care and to describe techniques used for autistic patients. The findings highlight the importance of treatment that considers the specific needs of these children, including the use of alternative communication strategies, employing images and pictograms, adapting the dental environment to make it more welcoming, training dental professionals to care for this population, and pre-visit familiarization to establish a trustful relationship and provide effective treatment. In conclusion, this is a relevant topic for an increasingly inclusive society that aims to ensure equal access to dental care for all children, regardless of their communication abilities and sensitivities.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Autism. Dental Treatment. Dentistry. Dental Management.

Formas de Tratamiento Optimizado y Humanizado en Niños con Trastorno del Espectro Autista y el Desafío en la Atención Odontológica.

Resumen. La atención dental en niños con trastorno del espectro autista (TEA) se destaca por la necesidad de acciones que ofrezcan un tratamiento optimizado y humanizado. Este estudio proporciona directrices y orientaciones a los profesionales de la odontología, con el objetivo de mejorar la calidad de la atención ofrecida y promover el bienestar de los niños con TEA, aplicando técnicas conductuales adecuadas por parte del dentista que ayuden en la prestación del servicio y eviten situaciones que puedan causar daños físicos y psicológicos a los pacientes o familiares. La experiencia muestra que muchos niños con TEA enfrentan dificultades para recibir atención dental adecuada, tanto por su sensibilidad como por la dificultad de comunicación, siendo un problema que se presenta en consultorios privados y en los servicios de salud pública. Ante esto, el objetivo de este estudio es presentar las formas de tratamiento que buscan optimizar y humanizar la atención dental y describir las técnicas utilizadas dirigidas a pacientes autistas. Los resultados encontrados evidencian la importancia de un tratamiento que considere las necesidades específicas de los niños con este perfil, que incluye el uso de estrategias de comunicación alternativa, empleando imágenes y pictogramas, la adaptación del entorno odontológico para hacerlo más acogedor, la capacitación de los profesionales dentales para atender a este público y la familiarización previa del paciente para que se establezca una relación de confianza y se proporcione un tratamiento efectivo. En conclusión, se trata de un tema relevante para una sociedad cada vez más inclusiva, que busca garantizar el acceso igualitario a la atención dental para todos los niños, independientemente de sus habilidades de comunicación y sensibilidades.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista. Autismo. Tratamiento Dental. Odontología. Manejo Dental.

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) é um problema no neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes tanto na comunicação quanto na interação social, em múltiplos contextos, associados à presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (Ribeiro *et al.*, 2023).

O Autismo pode ser identificado em várias fases da vida, mas frequentemente os sinais são observados desde os primeiros meses de nascidos, quando as mães percebem comportamentos atípicos

em seus filhos, embora o diagnóstico formal geralmente ocorra mais tarde, quando a criança começa a apresentar dificuldades sociais, de comunicação e comportamentos mais evidentes, interesse limitado por interações sociais ou em relacionar-se com os pais (Miquillini *et al.*, 2022). Ele ocorre em todos os grupos raciais, étnicos e socioeconômicos, embora crianças brancas sejam mais predispostas a serem diagnosticadas do que negras ou hispânicas. As estimativas sobre a prevalência variam, mas pesquisas indicam que cerca de 1 em cada 54 crianças nos Estados Unidos é diagnosticada com o transtorno, segundo dados do CDC (Centro de Controle de Doenças e Prevenção do Governo dos EUA).

O diagnóstico precoce é importante, pois uma intervenção prévia pode melhorar de forma significativa o desenvolvimento e a qualidade de vida da criança. Com respeito a proporção do número de diagnósticos, verifica-se que uma incidência 4 vezes maior em meninos que em meninas. Em contrapartida, pacientes do sexo feminino tem a tendência de serem mais afetadas e com maior comprometimento cognitivo. Em relação ao Brasil, segundo estimativas globais da ONU, cerca de 2 milhões de indivíduos possuem TEA, o que representa 1% da população nacional (Araújo *et al.*, 2021).

Na área odontológica, o atendimento clínico de pacientes com TEA é um desafio devido às diversas manifestações clínicas e a resistência a responder comandos, dificultando à assistência odontológica, motivando a necessidade de preparar o dentista no atendimento destes pacientes, que devido às necessidades específicas é provável que tenham higiene bucal deficiente (Silva *et al.*, 2023).

Em determinadas situações, o tratamento odontológico voltado para este tipo de paciente é desafiador não apenas para o profissional dentista como para os pais/responsáveis. Ao defrontar-se com as dificuldades encontradas em fazer a limpeza dos dentes em casa, bem como de encontrar profissionais habilitados para o atendimento adequado à criança autista, tendo em vista que nem todos os dentistas atendem pacientes especiais e a existência de poucos centros especializados para este tipo de atendimento (Hidalgo e Souza, 2022).

Atualmente, verifica-se um aumento significativo de diagnóstico do transtorno autista em todo mundo, refletindo no crescimento da procura por consultórios odontológicos que atendam pacientes com esse perfil. Diante disso, é de essencial a conscientização e a habilitação destes profissionais para a prestação de um serviço de qualidade e eficaz. Para isso, o cirurgião dentista deve ter conhecimento das melhores técnicas e adotar abordagens personalizadas visando um atendimento odontológico com segurança (Barros *et al.*, 2023). Concomitante a isso, hábitos alimentares e parafuncionais, higiene bucal deficiente e dificuldade em visitar um consultório odontológico, associado ao comportamento característico do TEA tendem a aumentar a possibilidade de pacientes com esse transtorno adquirirem cárie dentária (Tavares, 2020).

No ambiente odontológico, é importante que os profissionais dentistas adotem estratégias que promovam não apenas a saúde bucal, mas também o bem-estar emocional da criança. Isso implica em

criar um ambiente acolhedor, utilizando técnicas de comunicação adaptadas e implementando métodos que minimizem a ansiedade. Portanto, é fundamental que as ações a serem realizadas sejam claramente delineadas de forma específica e mensurável, permitindo a avaliação da eficácia das intervenções propostas (Barros *et al.*, 2023). A importância de conhecimentos específicos para o tratamento odontológico de crianças com TEA de forma a promover uma abordagem otimizada e humanizada, considerando as particularidades e necessidades individuais que essas crianças apresentam são de grande importância para a área odontológica, uma vez que a TEA pode manifestar-se com uma série de comportamentos e dificuldades, especialmente em contextos que envolvem manipulação sensorial, comunicação e socialização. Esses desafios tornam o atendimento odontológico uma experiência particularmente complexa, tornando para o dentista um evento estressante ou ameaçador.

Assim, esses objetivos não apenas visam aprimorar a prática odontológica, mas também garantir que o atendimento seja realizado de maneira humanizada, respeitando a individualidade e promovendo uma experiência mais positiva para as crianças com TEA e suas famílias. Essa abordagem não apenas melhora a saúde bucal, mas também contribui para a qualidade de vida das crianças afetadas por esse tipo de transtorno.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Realizar uma análise descritiva, quantitativa e qualitativa das abordagens clínicas, procedimentos e técnicas básicas empregadas no atendimento odontológico direcionadas ao paciente com TEA.

Objetivos Específicos

- Verificar os procedimentos realizados pelo profissional da odontologia no atendimento ao paciente com TEA;
- Discorrer sobre os sinais clínicos de pessoas com TEA;
- Identificar as relações sociais e familiares de indivíduos com TEA.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão da literatura baseada na pesquisa de trabalhos acadêmicos e artigos científicos nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde e Google Acadêmico.

Para otimizar a busca, foram utilizados os seguintes descritores: “transtorno do espectro autista”, “autismo”, “tratamento odontológico”, “odontologia”, “manejo odontológico”.

Um levantamento de estudos publicados no período de 2019 a 2024 os quais apresentavam temática semelhante foi realizado, cujo conteúdo versava sobre as técnicas utilizadas no atendimento odontológico, voltadas para pacientes autistas. De um total de 37 artigos avaliados e 16 dentre eles foram selecionados para compor o estudo.

REVISÃO DE LITERATURA

Autismo

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado como um grupo de deficiências no neurodesenvolvimento que comprometem a interação social, a comunicação e restrição ou repetição de estereótipos comportamentais (Ribeiro, 2021).

A prevalência do TEA tem aumentado nos últimos anos e vários fatores podem contribuir para essa tendência. A maior conscientização sobre o TEA entre profissionais de saúde e educação são os principais fatores, resultando em aumento no numero de diagnósticos, especialmente em populações que anteriormente não tinham acesso a serviços adequados ou que não eram reconhecidas como necessitando de avaliação (Silva *et al.*, 2021).

Os estudos epidemiológicos indicam um aumento global de pessoas com TEA nos últimos 50 anos, estimando que 1 em cada 160 crianças na população mundial é diagnosticada com o transtorno. Esse aumento está relacionado com a conscientização sobre o assunto, o estabelecimento de critérios de diagnósticos e a melhoria das ferramentas de diagnóstico (Xavier *et al.*, 2021). A interação identificada recentemente entre determinados fatores ambientais nos ajuda a entender esse aumento na prevalência em todos os grupos raciais, étnicos e socioeconômicos, embora crianças brancas sejam mais propensas a serem diagnosticadas com TEA do que negras ou hispânicas (Ribeiro, *et al.*, 2023)

De acordo com Silva *et al.* (2021) não há uma causa específica para o desenvolvimento do autismo.

Vários estudos descobriram que 60 a 65% da ocorrência de autismo pode ser explicada por fatores de risco ambientais pré-natais, natais e pós-natais. Os fatores de risco pré-natal envolvem infecção materna, saúde física materna, estado de saúde da gestante, deficiência de folato e ferro e uso de drogas na gravidez. Os fatores de risco natal incluem complicações fetais, complicações do cordão umbilical, hipoxia (falta de oxigênio), cesariana, apresentação anormal do feto e idade gestacional anormal (prematuro ou pós-termo). Os fatores de risco pós-natal incluem amamentação, contaminação do ar, ingestão de antibióticos e fatores nutricionais (Ribeiro, *et al.*, 2023, p.3).

A manifestação do autismo apresenta variados graus de comprometimento que podem ser classificados como leve, moderado e severo, apresentando no grau leve sintomas desde dificuldades no convívio social, no grau moderado ocorrem dificuldades na comunicação verbal e não verbal e no grau severo apresenta principalmente padrões repetitivos de comportamento, interesses e atividades (Correia *et al.*, 2021).

Em relação as condições psiquiátricas desse tipo de paciente, sabe-se que eles têm uma maior predileção a ter Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), irritabilidade e agressão, esta última podendo se apresentar desde agressão física (geralmente em crianças menores), até agressão verbal (pacientes adultos). Uma outra condição cabível de ser citada é a ansiedade, podendo incluir ansiedade social, geral e fobias (Souza, 2021, p.13).

Segundo Ribeiro *et al.*, (2023), crianças autistas podem demonstrar comportamentos perturbadores, agressivos, excessos de raiva, comportamentos auto lesivos, bem como níveis aumentados de afeto negativo.

Diagnóstico

Atualmente, não há marcadores biológicos para o diagnóstico do TEA em exames laboratoriais. No entanto, o diagnóstico pode ser realizado através da interação de informações coletadas por meio de uma entrevista clínica minuciosa com pais ou responsáveis, observação do paciente e exame médico e neurológico com o intuito de excluir comorbidades médicas e psiquiátricas que possam estar associadas. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) descreve os critérios utilizados para o diagnóstico do autismo os quais são baseados em evidências do comprometimento da interação e comunicação sociais e na presença de um repertório restrito de comportamentos, atividades e interesses (Silva *et al.*, 2021).

O Ministério da saúde (MS) destaca a importância da classificação diagnóstica pela CID-10, ressaltando a necessidade da observação clínica realizada de crianças acerca dos sinais e sintomas. Uma vez que o grau de autismo pode apresentar vários sintomas que podem variar de leve a grave, gerando um comprometimento da comunicação e no comportamento social é necessário destacar o uso de escalas e instrumentos de triagem padronizados que ajudam a identificar problemas específicos, como, por exemplo, a Lista de Verificação do Autismo em Crianças Pequenas (Checklist for autism in toddlers), proposta para crianças entre os 16-30 meses de idade e Childhood Autism Rating Scale (CARS) que se destina a crianças maiores de 2 anos. A partir da identificação dos sinais de alerta, podem ser iniciadas a intervenção e a monitoração desses pacientes ao longo do tempo, tendo em vista que não existe cura para o distúrbio em questão (Coimbra *et al.*, 2020).

Dentre as características que podemos observar em crianças com TEA podemos destacar a dificuldade em fazer e manter relacionamentos sociais, assim como dificuldade em compreender a linguagem corporal, gestos e expressões faciais de outras pessoas. Ademais, elas apresentam comportamentos repetitivos e estereotipados, os quais incluem: sacudir os dedos e agitar as mãos, são metódicos quanto a rotina e horários diários, possuem interesses altamente circunscritos e restritos, dificuldade na mudança da rotina diária e dificuldades com transições entre atividades. Além disso, também podem possuir hipo e hipersensibilidade a estímulos sensoriais como os sentidos auditivo, tátil-proprioceptivo, vestibular, olfativo e visual (Ribeiro *et al.*, 2023).

Com respeito a área odontológica, as alterações sensoriais e intelectuais em crianças autistas comprometem a manutenção da saúde bucal, agravada pelo uso de medicações controladas, estes pacientes apresentam uma alteração do pH bucal, que aumenta a predisposição para o desenvolvimento de cárie e doenças periodontais (Souza, 2021).

Tratamento odontológico no paciente autista

A saúde de pessoas autistas necessita de uma atenção especial, que deve ser realizado por uma equipe multidisciplinar capacitada e sensível às suas necessidades, que considere não apenas os aspectos médicos, mas também as dimensões emocionais, sociais e comportamentais. Essa equipe deve ser composta por médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, odontólogos e outros profissionais. No entanto, é preciso aderir ao que é proposto para oferecer um cuidado integral e promover um tratamento odontológico efetivo para esse grupo de pacientes (Lopes *et al.*, 2022)

Uma vez que cada especialista traz uma perspectiva única, isso permite um diagnóstico mais preciso e intervenções mais práticas, de forma que as colaborações são fundamentais para atender às diversas necessidades individuais, promovendo um tratamento que respeite suas particularidades e que utilize uma abordagem humanizada que proporcione a promoção, cuidados e reabilitação em saúde, de forma que, ações voltadas para pacientes com TEA devem incluir medidas amplas que proporcionem um ambiente físico e social mais acessível, acolhedor e inclusivo (Silva *et al.*, 2021).

De fato, a abordagem humanizada é um princípio central no atendimento a pessoas autistas e isso envolve tratar cada indivíduo com respeito, empatia e dignidade, acompanhando suas experiências e sentimentos. A comunicação deve ser adaptada, levando em conta as dificuldades que uma pessoa pode ter em expressar suas necessidades e emoções. A criação de um ambiente acolhedor e seguro são fundamentais para reduzir a ansiedade e facilitar o processo de cuidado. O sucesso no tratamento odontológico em pacientes autistas é o conhecimento do profissional em relação à doença e o preparo

da equipe para lidar com as suas características comportamentais. A harmonia e confiança entre os pais/cuidadores e a equipe odontológica também é importante (Araújo *et al.*, 2021).

Na abordagem com esses pacientes, as técnicas de condicionamento comportamental não farmacológicas são amplamente utilizadas na odontopediatria, durante o atendimento odontológico ao paciente com TEA. Elas podem ser empregadas para uma melhor interação com esses pacientes, sem ocasionar danos físicos e psicológicos aos pacientes e seus familiares, dentre as quais dizer-mostrar-fazer, distração, dessensibilização, controle do tom de voz, reforço positivo e modelação (Hidalgo e Souza, 2022). A utilização de cartões com figuras que representam objetos pessoas ou atividades pode auxiliar no treinamento e na comunicação funcional, auxiliando na interação entre o profissional e paciente. O uso de aplicativos móveis também pode ajudar nessa relação entre o paciente e o dentista através de desenhos e áudios explicativos, reduzindo a necessidade de métodos mais invasivos como a sedação (Araújo *et al.*, 2021).

Inicialmente, o tratamento odontológico para estes pacientes deve ser de curta duração e realizado de maneira organizada desde o seu agendamento, que deve ser feito sempre no mesmo dia da semana, no mesmo horário, com o mesmo profissional e com a mesma equipe, tendo em vista que são pessoas muito sistemáticas. Além disso, a comunicação com o paciente deve ser clara e objetiva (Miquillini *et al.*, 2022).

Abaixo Miquillini *et al.* (2022) apresentam um quadro com as principais técnicas odontopediátricas não farmacológicas que podem ser empregadas na abordagem de pacientes com esse transtorno. Essas técnicas são a primeira opção para ser utilizada num tratamento odontológico em pacientes com TEA, no entanto, em algumas situações, não são suficientes e precisam estar associadas a outras estratégias. Em pacientes autistas com índice de comprometimento severo e não colaborativos, a sedação passa a ser uma alternativa. Esse método auxilia na redução do medo e ansiedade e facilita o controle comportamental do paciente. Tal técnica consiste no uso de fármacos como o óxido nitroso, midazolam, prometazina, hidroxina, hidrato de cloral e diazepam (Silva *et al.*, 2021).

Quadro 1 – Técnicas odontopediátricas não farmacológicas

TÉCNICA	REALIZAÇÃO
Dizer-mostrar-fazer	O CD explica todos os passos de determinado procedimento, faz uma demonstração para entendimento do paciente e, em seguida, realiza.
Reforço positivo	Recompensa ou elogios através de expressões faciais agradáveis e/ou prêmios após o paciente apresentar bom comportamento e colaboratividade. Até um aperto de mão pode ser considerado.
Reforço negativo	Explicar o porquê que a conduta do paciente não foi adequada e mostrar que por este motivo ele não vai ganhar o devido elogio e/ou prêmio.
Distração	O CD distrai o paciente no momento em que alguma ação desencadeie medo ou reação indesejada, fazendo com que o mesmo pense/olhe para qualquer coisa ou direção diferente e foque nisso, ao invés do procedimento odontológico.

Dessensibilização	O CD deve apresentar gradativamente ao paciente os instrumentos e sons que provocam medo, posteriormente o induzir a um estado de calma e tranquilidade. Desta forma, ele irá se familiarizar com cada objeto de forma mais tranquila antes de cada procedimento. Pode ser aplicada dentro de casa por meio de brincadeiras ilustrativas, associadas inclusive ao reforço positivo.
Modelagem	A criança portadora de TEA acompanha outra criança de confiança – portadora ou não – que se sente segura durante o atendimento e mostra, assim, comportamentos favoráveis para que o outro entenda que não precisa temer e reproduza os mesmos bons comportamentos.
Pedagogia Visual	Desenvolve a capacidade do portador de TEA de se relacionar por meio de figuras e não de palavras, a partir de livros com imagens coloridas, mídias eletrônicas de vídeo e histórias com situações semelhantes àquelas que o paciente irá vivenciar em seguida.

Fonte: Miquillini *et al.*, 2022

Contudo, não é possível prever com precisão os resultados que podem ser obtidos com o uso destes medicamentos, razão pela qual é importante a obtenção de detalhes sobre a reação de cada paciente com sedações anteriores as quais devem ser realizadas por profissional qualificado (Santos, 2019). Para a execução correta da técnica de sedação consciente é necessário estar atento às condições sistêmicas do paciente e ter conhecimento se o paciente faz uso de outros medicamentos para evitar complicações decorrentes de interação medicamentosa. Além disso, o método requer consentimento e acompanhamento dos pais ou responsáveis para a sua realização (Fiorillo, 2019).

Quanto as interações medicamentosas no âmbito do paciente autista, Miquillini *et al.*, 2022 esclarece o seguinte:

As interações medicamentosas mais conhecidas dentro do âmbito da Odontologia, quanto ao envolvimento do paciente autista, englobam o uso de: analgésicos não-opióides, anestésicos locais, antibióticos e anti-inflamatórios não-esteroidais. Pode ser observado aumento repentino da pressão sanguínea e frequência cardíaca com o uso de anestésicos locais durante cirurgias, se for administrado o cloridrato de metilfenidrato (Ritalina) no mesmo dia, desta forma, deve ser evitada a administração deste fármaco no dia em questão. Não foram encontradas interações entre a risperidona com as medicações citadas inicialmente, no entanto, há uma ocorrência de sangramento gastrointestinal quando associada a fluoxetina e o ácido acetil-salicílico. A necessidade de utilizar medicação pré-anestésica, a via de administração e a escolha desse fármaco devem ser realizadas de forma bastante individualizada (Miquillini *et.al*, 2022, pág. 06).

Outra alternativa é a anestesia geral, que pode ser feita em alguns casos por um profissional capacitado e o atendimento seja feito somente em ambiente hospitalar ao qual deve ser utilizada apenas quando nenhum outro método teve sucesso ou em situações em que demandam um procedimento mais invasivo e de grandes necessidades que não são possíveis serem realizados no consultório. Portanto, a opção pela anestesia geral deve ser realizada em último caso e em situações específicas (Santos, 2019).

CONCLUSÃO

Em face da complexa tarefa de compreender e abordar adequadamente as necessidades especiais de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), este trabalho buscou lançar luz sobre as práticas otimizadas e humanizadas no contexto odontológico. A conscientização crescente sobre o TEA e o reconhecimento de suas singularidades, torna-se primordial que os profissionais de saúde, em particular os odontologistas, estejam equipados com estratégias que possibilitem um atendimento de qualidade, respeitoso e eficaz. Múltiplas barreiras que crianças com TEA enfrentam no ambiente odontológico foram confirmadas, incluindo a sensibilidade sensorial exacerbada, a dificuldade de comunicação e a ansiedade que tais consultas podem trazer e as abordagens que visam a minimizar essas barreiras, que vão desde adaptações no ambiente físico do consultório até o emprego de comunicação alternativa, passando pelo indispensável treinamento dos profissionais para o manejo comportamental especializado foram discutidas. A adoção de formas de tratamento otimizado e humanizado em crianças com transtorno do espectro autista é de extrema importância no campo odontológico e essas técnicas proporcionam um atendimento mais adequado às necessidades especiais desses pacientes, resultando em uma experiência mais positiva e menos traumática. É fundamental reconhecer que em casos de pacientes autistas com índice de comprometimento severo e não colaborativos, as técnicas convencionais podem se mostrar insuficientes, nos quais a sedação é uma alternativa viável, uma vez que auxilia na redução do medo e ansiedade, facilitando o controle comportamental do paciente, com opção para os tratamentos seguros e eficientes, por profissionais capacitados e em conformidade com as normas estabelecidas pelos órgãos regulamentadores. Em crianças autistas com grau severo a anestesia geral é indicada para que procedimentos complexos sejam realizados, desde que em ambiente hospitalar, que em alguns casos se requerem uma abordagem interdisciplinar. O presente estudo enfatiza a importância da capacitação contínua dos profissionais de odontologia, que deve ser acompanhada por políticas de saúde pública que priorizem a inclusão e o acesso a serviços odontológicos especializados para o público com TEA, contribuindo para o debate e aprimoramento das práticas odontológicas para crianças com TEA, invocando para uma maior atenção à pesquisa e ao desenvolvimento de métodos inovadores que possam superar os desafios ainda existentes no atendimento a esse grupo tão especial.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, F. S.; GAUJAC, C.; TRENTO, C. L.; AMARAL, R. C. do. Pacientes com Transtorno do Espectro Autista e desafio para atendimento odontológico – revisão de literatura. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 14, p. e496101422317, 2021. Acesso em: 20 fev. 2024.

BARROS, R. E., PIRES, F. M., ARANTES, A. P. F., TOLEDO, L. A. P. de, BARBOSA, L. V., & TOLEDO, R. C. D. de. ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *Revista Multidisciplinar Do Nordeste Mineiro*, 3(1), 2023. Acesso em: 27 fev. 2024.

COIMBRA, Bruna Santiago et al. Abordagem odontológica a pacientes com transtorno do espectro autista (TEA): uma Revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 94293-94306, 2020. Acesso em: 29 fev. 2024.

CORREIA, T. L. B. V. et al. Alterações epigenéticas no transtorno do espectro autista: revisão integrativa de literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, 2021. Acesso em: 29 fev. 2024.

FIORILLO L. Conscious Sedation in Dentistry. **Medicina (Kaunas, Lithuania)**, 55(12), 778, 2019. Acesso em: 01 mar. 2024.

HIDALGO, Lucas Duarte; SOUZA, José Antonio Santos. Abordagem de crianças autistas em odontopediatria: uma revisão de literatura. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.L.], v. 8, n. 5, p. 1462-1469, 31 maio 2022. Acesso em: 27 fev. 2024.

LOPES, C. da S.; SANTOS, K. V. dos; KEGLER, M. T.; ULHÔA, P. Atendimento odontológico à criança com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 7, p. e1011729497, 2022. Acesso em: 01 mar. 2024.

MIQUILINI, I. A. A; MEIRA, F. C. G; MARTINS, G. B. Facilitando o atendimento odontológico a pacientes autistas através de abordagens clínicas a partir de uma revisão de literatura. **Revista da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal da Bahia**. 52(2), 2022. Acesso em: 20 fev. 2024.

RIBEIRO L. A., CARDOSO B. P., OLIVEIRAL. M. DE M., FONTES A. L. O. da S., Nascimento N. S. do, & SIQUEIRA E. C. de. (2023). Abordagem geral do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, 23(4), e12807. Disponível em:
<https://doi.org/10.25248/reamed.e12807.2023>. Acesso em: 20 fev. 2024.

RIBEIRO A. D. Transtorno do Espectro Autista na Odontologia. **Revista Interdisciplinar em Saúde**. DOI: 10.35621/23587490.v8.n1.p806-817. Disponível em:
https://www.interdisciplinaremsaude.com.br/Volume_29/Trabalho_63_2021. Acesso em: 01 mar. 2024.

SANTOS, C. M. D. Manejo de pacientes com transtorno do espectro autista em odontologia. Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/handle/bahiana/3870>. Acesso em: 01 mar. 2024.

SILVA, A. C.; PEREIRA, C. S.; ANJOS, G. M. dos.; BORGES, D. C.; MARAGON JÚNIOR, H.; PEREIRA, L. B. Estratégias para o condicionamento comportamental em pacientes com transtorno do espectro autista durante o atendimento odontológico. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 16, p. e16101623078, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/23078-Article-281246-1-10-20211204.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2024.

SILVA, A. B. D., FREITAS, L. B. M., FERRAZ, M. ÂNGELA A. L., REGO, I. C. Q., NEVES, T. M. A., VIANA, M. O. S., & LOPES, M. A. B. S. Análise dos desafios enfrentados pelo cirurgião-dentista no atendimento de pacientes com transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, 5(5), 1156–1164, 2023. Acesso em: 27 fev. 2024.

SOUZA, Isabella Ferreira. Tratamento odontológico humanizado para pacientes com TEA na odontopediatria: uma revisão da literatura. 2021. Disponível em:
<http://repositorio.udnb.edu.br/bitstream/areas/656/1/ISABELLA%20FERREIRA%20SOUZA.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2024.

TAVARES, M. C. Experiência de cárie dentária e consequências clínicas de cárie dentária não tratada de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/38990>. Acesso em: 28 fev. 2024.

XAVIER, H. da S.; CAVALCANTI, A. C. S.; GOMES, A. C. P.; NETO, R. G. da L.; DE ALMEIDA, H. C. R.; HEIMER, M. V.; VIEIRA, S. C. M. Experiência de cárie em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista e fatores associados / Caries experience in children and adolescents with autistic spectrum disorder and associated factors. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 7817–7829, 2021. Acesso em: 28 fev. 2024.